

A MUDANÇA DE COELHO NETO PARA CAMPINAS E AS SUAS REALIZAÇÕES CULTURAIS.

- DAS COLUNAS DE O "CORREIO PAULISTANO", TRANSCREVEMOS O PRESENTE ARTIGO, NO QUAL PELÁGIO LOBO, COM O BRILHANTISMO QUE LHE É PECULIAR, EVOCA A PERMANENCIA DE COELHO NETO EM CAMPINAS. -

Os embates da vida impeliram Coelho Neto, em 1901, a disputar em Campinas uma cadeira de lente de literatura do antigo Ginasio Estadual, hoje "Colegio Estadual Culto à Ciencia". O escritor torrencial, apesar de uma bagagem literaria copiosa e brilhante, atravessava, então, um periodo de dificuldades financeiras maiores do que as que conseguiu, até então, vencer. E, fosse com o pensamento de instalar-se num ambiente pacato do interior, de vida barata e facil, ou fosse com a esperança de restaurar a saude da esposa que passara por uma crise muito grave, o certo é que para lá se deslocou o autor da "Cosquita" e do "album de Caliban" inscrito em junho de 1901, entre os candidatos à cadeira ginasial. Os vencimentos de um lente eram, então de 500\$000 mensais, verba exigua, verdadeiramente irrisória se tomarmos como dados de referencia o que hoje percebem continuos e porteiros de uma secretaria.

Mas, em 1901, com essa base de meio conto de reis, um chefe de familia, mormente um pater-familias que vivia da pena e do que produzia ao "jour le jour", podia-se aguentar até que proventos maiores embora incertos acudissem ao seu orçamento, como indispensavel reforço.

Acredito, pelo que sei de ciencia propria, que foi Garcia Redondo quem, em boa parte contribuiu, com com

A MUDANÇA DE COELHO NETO PARA CAMPINAS E AS SUAS REALIZAÇÕES CULTURAIS.

(cont.)

- fls. 2 -

seus conselhos e indicações de clima, a Coelho Neto para que este instalasse em Campinas sua residencia, visando, antes de mais nada, e fortalecimento da saude de d. Gaby, esposa que ele adorava e que foi, em realidade, durante sua atribulada vida, tão cheia de trabalhos, dificuldades angustiosas e incidentes desnorteantes, a companheira valorosa da qual recebia apoio moral constante, incitamentos para a luta e uma assistencia desvelada em que a sua aguda inteligencia de mulher superior entrava com um contingente tão grande e tão eficaz como as suas ternuras e delicadezas de coração. Era um casal plenamente feliz, atravez de tantas vicissitudes, mudanças, altos e baixos, e lutas ininterruptas. E feliz, sobretudo, pela identidade de aspirações que os confundia num mesmo ser, aquele ser ideal desenhado pelos livros santos, em que cada esposo representa uma metade.

Garcia Redondo residiu em Campinas, em casa de grande terreno que tomou de aluguel no bairro do Guanabara, na rua D. Libania, grande chacara com amplo terraço e muitas arvores frutiferas. Ali já passara muitos meses, para vêr se curava uma filha, atacada de tuberculose. O clima operou melhoras alentadoras e Garcia Redondo fez-se pregoeiro das virtudes de sanatório daqueles ares tão puros e das belezas daqueles ceus tão claros. A filha doente veio a falecer do mal que a corroia, mas as melhoras passageiras foram o suficiente para que aquele pai desesperado se

A MUDANÇA DE COELHO NETO PARA CAMPINAS E AS SUAS REALIZAÇÕES CULTURAIS.

(cont.)

- fls. 3 -

convertesse em propagandista da excelencia do clima campineiro. Quando Coelho Neto, numa das rajadas e crises que o assaltavam, preocupado com a finança caseira e com a saude da esposa, recebeu de Garcia Redondo o conselho de procurar para moradia aquela cidade, não teve vasilações - ele que decidiu todos os casos da vida aos repentes, levado pela primeira inspiração, encarando exclusivamente os prós e desprezando todos contras imaginaveis.

Inscreeveu-se no concurso e alcançou classificação e nomeação.

As provas não foram faceis, como as demais cadeiras em que, dos candidatos inscritos, a maioria arripiava carreira logo após o sorteio do primeiro ponto para a escrita.

Coelho Neto topou dois concorrentes de valor - Alberto Faria (jornalista e homem de estudos linguisticos, gramaticais e folcloricos que já fizera boa reputação sem sair da cidade em que residia ha tantos anos, e Antonio da Rocha Batista Pereira, o Batistinha, então bem moço, que estava fazendo carreira jornalística fulgurante, no "Comercio de São Paulo", ao lado de um grupo de novatos que mais tarde tanto honrariam as tradições da folha na qual Eduardo Prado deixou os ultimos lampejos da sua poderosa inteligencia. Dos concorrentes aquelas provas, Coelho Neto e Batista Pereira eram as figuras brilhantes; falavam bem, com elegancia, com desembaraço, com fulgor. Faria, diversamente não

A MUDANÇA DE COELHO NETO PARA CAMPINAS E AS SUAS REALIZAÇÕES CULTURAIS.

(cont.)

- fls. 4 -

possuindo o dom do verbo fácil, supria essa deficiência com a exposição que procurava tornar apenas clara e incisiva, da feição didática, alicerçada nas boas fontes dos mestres da língua, portugueses e brasileiros.

A favor de Neto, porém, trabalhavam seus muitos amigos e leitores, do Rio e de S. Paulo. Por Faria "torciam" os amigos de Campinas; Batistinha entrou com muitas esperanças e algumas simpatias pessoais, sem maiores empenhos porque, ao que parece, procurou aquele concurso, não para conquistar uma cadeira de literatura, mas para enriquecer sua panoplia de paladino das belas letras com um troféu que seria o da esplendida figura que sabia poder fazer naquele prelio.

Neto foi o nomeado. Talvez dos tres, fosse o menos adaptado para ensinar meninos de um ginasio. Fui seu a luno, durante muito poucas aulas, pois ele andava sempre licenciado, fora de Campinas. A aula era uma hora de encantamento. Se o tema do programa era a literatura grega, alargava-se em considerações históricas e críticas brilhantíssimas, encantava e arrebatava aquela auditorio de meia duzia de alunos que se sentiam embalados pela fala do mestre.

Ao fim, guardando-se apenas a sensação de gozo que nos dava a dissertação, com tropos, imagens e descrições vivas e cintilantes, tínhamos que cair no "terre à terre" do compendio de literatura para aprender alguns nomes de autores e mencionar obras daquele classicismo distante, para podermos fazer exames, porque, das lições de Neto só guardamos a música do discurso e uma ou outra imagem empolgante.

A MUDANÇA DE COELHO NETO PARA CAMPINAS E AS SUAS REALIZAÇÕES
CULTURAIS

(cont.)

- fls. 5 -

Sua permanencia em Campinas não foi longa, a não ser durante os anos de 1902 e 1903. Entrou depois em licenças, sempre renovadas, e aparecia no Ginasio durante alguns tempos ao fim do ano letivo, para dar, de corrida, algumas aulas. Todavia, naquele primeiro periodo de permanencia desenvolveu uma atividade espantosa na sociedade campineira, convertendo sua casa em centro de irradiação e de cultura das mais beneficicas. Essa atividade para a qual contava com a colaboração solícita, estimuladora e tão rica de efusão de D. Gaby, valeu mais do que quantos cursos de literatura pudesse ter desenvolvido numa cathedra em obediencia aos programas vigentes, copiados do programa oficial do Ginasio D. Pedro II.

Converteteu-se na grande força propulsora que deu forma e os primeiros lineamentos ao "Centro de Ciencias Letras e Artes". Pena foi que, no seu inicio, um grupo restrito se apossasse dessa ideia e convertesse aquele nobre sodalicio, em que a figura de relevo era Cesar Bierrenback, numa confraria restrita de que muitos homens de valor e de cultura eram afastados por antipatias pessoais nascidas de pequenas querélas de campanario.

Mas a ideia de Coelho Neto, Cesar Bierrenback, Campos Novais e Souza Brito era das mais amplas e de visão mais larga e, com o tempo, atraiu para a nova associação as atenções de gente do pais e do estrangeiro e lhe conquistou um prestigio que a colocava entre as mais acatadas sociedades scientificas do nosso pais.

A MUDANÇA DE COELHO NETO PARA CAMPINAS E AS SUAS REALIZAÇÕES
CULTURAIS

(cont.)

- fls. 6 -

A atividade de Coelho Neto não se cingia, porém, a essas organizações, que ele estimulava e impelia para a frente com a sua conhecida sofreguidão de idealismo: era na sociedade campineira, nos clubes, nos seus sodalícios osque ele entrou a colaborar, a fazer sugestões, a promover festas, com programas e numeros em que entrava levando, de roldão, conhecidos ou desconhecidos nos quais descobria aptidões que, até ali, ninguém poderia discernir.

Em 1902 promoveu no "Clube Campineiro", sociedade veterana do alto escol familiar, uma festa encantadora a que deu o nome de "Sarau de estímulo".

- Estímulo de que, ou para que?

Pela anotação do programa ninguém sabia do que se tratava, mais tarde percebeu-se: era o estímulo para que as reuniões do clube não se limitassem a bailes e concertos de piano e canto. Aproveitando a data de 13 de maio, que ele qualificava de festa da fraternidade na família brasileira, organizou um programa que hoje chamariamos "nacionalista" com as protofonias do "Guarani" e do "Salvador Rosa", de Carlos Gomes, a lenda das "Uiáras" de Melo Moraes Filho, musica de Alberto Nepomuceno e duas comedias chistosas, uma das quais por ele escrita para essa festa. Os ensaios eram realizados, ou na casa Livro Azul, convertida em "Clube Livro Azul", sob os olhos paternais do dono do estabelecimento, A. B. de Castro Mendes, negociante em cuja atividade se misturavam e confundiam delicadas aptidões artisticas, ou na residencia do proprio Coelho Neto.

A MUDANÇA DE COELHO NETO PARA CAMPINAS E AS SUAS REALIZAÇÕES CULTURAIS.

(cont.)

- fls. 7 -

Morava ele perto do centro da cidade, numa casa da rua Francisco Glicerio, vizinha da casa de residência do Juiz da 1ª Vara o já conspícuo José Soariano de Souza Filho.

Contraste dos mais completos e gritantes!. A casa de Soriano silenciosa, com o juiz em vida solitária, empregada na leitura de livros de direito, de literatura e filosofia e no estudo dos autos e processos que corriam pela sua vara. Casa de ermitão, em que Soriano se consolava da sua viuvez lendo Savigni, R. Von Jhering e os mestres germanicos com os quais condensava, dia a dia, a sua já enorme cultura. Dali, de quando em quando, saiam as notas de uma pianola, cujos rolos serrilhados foram os primeiros a aparecer no nosso Estado.

Na casa vizinha, de Coelho Neto, era constante a agitação, o bulício, a algazarra das crianças. D. Gaby movia-se no meio daquele tropél da crilada, crianças dela e crianças vizinhas que ali iam ter atraídas pela liberdade e pelas tentações de tantos agrados. É incrível como Coelho Neto podia trabalhar no meio daquela barulhada. E trabalhava, e produzia. A esposa o assessorava, convocava rapazes, moças e senhoras para as reuniões, tomava parte nos ensaios, tocava piano e cantava - e o seu exemplo contagiava as excitantes e desanimadas. O casal deu novos rumos à educação social da cidade que, naquela época, lá como aqui, como em todo o nosso interior, mantinha hábitos de esquivança e recato que eram restos nossos ina

A MUDANÇA DE COELHO NETO PARA CAMPINAS E AS SUAS REALIZAÇÕES
CULTURAIS

(cont.)

- fls. 8 -

to "cappirismo". Coelho Neto espancou esses temores e impeliu para a frente, pondo-os na ribalta dos clubes e do teatro, aptidões de primeira ordem, até então completamente ignoradas. Não havia como resistir a uma designação e a um apelo do casal - pois eram eles os primeiros a dar exemplo da avançada.

Brilhavam com luz própria mas faziam sempre por impelir para os primeiros postos os comparsas que escolhiam para essas representações.

Ao "sarau de estímulo" outros seguiram - em setembro de 902 e no ano seguinte. O clube "Livro Azul" passou a ser uma instituição provecta: era um clube sem estatutos, sem sócios, sem contribuintes mensais. O presidente era C. Mendes - presidente, secretário e dono da sede. Mas as escolhas de peças e designações de reuniões eram feitas, não por ele, mas pelo casal Coelho Neto. Neto dava a idéia, d. Gaby fazia-lhe acréscimos e Castro Mendes, depois de novas emendas, a encampava, promovendo os passos para o seu exito, entregando a casa aos convidados do Clube.

Foi com essa base, com essa sede, com a trama de conhecimentos ali conquistados que, em outubro de 1903, começaram eles a cogitar de uma festa de Natal que saísse dos moldes comuns: uma reunião, com cânticos e recitativos. Essa idéia gentilíssima, no seu desenvolvimento de poucas semanas, alcançou entretanto, uma tal amplitude que afinal, se converteu num espetáculo dos mais belos e pomposos, feito com um programa de inextinguível encanto - que foi "A Pastoral". Tudo, nessa representação, foi resultado de improvisação: uma coisa arrastava a outra, e a idéia de cantos alemães de Natal que Castro Mendes conhecia familiarmente foi substituída por cantos e recitativos em português, com

A MUDANÇA DE COELHO NETO PARA CAMPINAS E AS SUAS REALIZAÇÕES CULTURAIS.

(cont.)

- fls. 9 -

musica brasileira escrita expressamente para ela. Coelho Neto escreveu as partes, em prosa, passou a escreve-las em verso, foi criando e desdobrando papéis, porque apareciam novos atores e atrizes, e acabou por escrever a obra inteira que ostentou, no final, por sorte inaudita, uma feição de unidade que os que a acompanharam desde o início e a viram feita em pedaços, jamais seriam capazes de prever.

Dessa realização dos que nela tomaram parte e de como se fizeram os seus ensaios, provas e alterações, falarei em proximo rodapé: a ainda uma boa dezena de semaritanas, nazarenos, beduinos, pastores e "anjos" sobreviventes daquela comemoração de Natal que poderão recordar a festa em que colaboraram e anotar alguma possível falha da minha memória.

Em 1903, já instalado em Campinas, com animo de ali permanecer, e fazendo de sua residencia o que Leopoldo Amaral qualificou, sem muita justeza de "centro artistico de alto quilate, onde as Musas concertavam e inspiravam encantadoras diversões", Coelho Neto recebeu, em palestra caseira de numerosos interlocutores distribuidos pelas cadeiras e sofás, ou encostados aos batentes das portas, o pedido para que se incumbisse de uma festa de Natal, para dali a quatro meses. A idéia foi inicialmente de uma festa brasileira estilo caipira e, com essa feição chegou ao "Clube Livro Azul" Castro Mendes, que já havia feito encomendas de brinquedos para os sapatos da crilada campineira - pois era o "Livro Azul" o maior importador dessas novidades, afastou a idéia de "festa caipira" e lembrou as comemorações tão tocantes de singeleza e candura que Natal despertava na Alemanha, o que percebia na variedade de brinquedos e mimos para as crianças e na profusão de

A MUDANÇA DE COELHO NETO PARA CAMPINAS E AS SUAS REALIZAÇÕES
CULTURAIS

(cont.)

- fls. 10 -

musicas e cantos corais.

Coelho Neto decidiu pela realização de um Natal autentico, um "misterio lirico" a que, depois, deu a qualificação de "evangelho em 3 atos".

Pensou-se em fazer a representação no palco do "Clube Campineiro", que servira para a realização do "sarau de estimulo", realizado a 13 de maio de 1902. E Coelho Neto começou a traçar, e a traçar vertiginosamente, o entrecho. A principio um ato só, com o estabulo, a mangedoura, pastores em torno e contos ocultos, que seriam os coros celestiais. Mas, dentro em pouco, desdobrou a peça - e traçou um plano maior, em 3 quadros; e, com aquela profusão de ideias que lhe acudiam em turbilhões umas puxando as outras, assentou que a representação teria maior amplitude, com tres quadros, que seriam tres periodos, tirados das evocações classicas - "Anunciação", "Visitação" e "Natal". Pediu-se Santana Gomes que escrevesse uma musica e este compos um preludio. Neto achou pouco e dirigiu-se, imediatamente aos amigos do Rio, grandes nomes de Alberto Nepomuceno, Francisco Braga e Henrique Osvaldo. Ninguém acreditava que ele obtivesse essa co laboração muito menos no tempo escasso que marcava para a entrega das partes. Mas Nepomuceno se entusiasmou com a idé ia e levou esse entusiasmo aos outros dois colegas que, com ele ocupavam os postos mais altos na familia dos musicos bra sileiros. E começaram a chegar as folhas escritas as indica ções, mas em original, do qual seria necessario destacar ins

A MUDANÇA DE COELHO NETO PARA CAMPINAS E AS SUAS REALIZAÇÕES
CULTURAIS

(cont.)

- fls. 11 -

trumentos ou, em linguagem de orquestra, "cavar as partes",
- Quem o faria? Santana Gomes excusou-se, por falta de tempo, pondo-se à disposição para dirigir alguns ensaios.

Foi, então, que Castro Mendes trouxe para o grupo realizador 3 músicos - dois pianistas e um músico amador e clarinetista, este capaz de ler e de instrumentar a música recebida, assim como se revelara dentro no embocar qualquer instrumento de sopro, cujas chaves conhecia seguramente.

Os pianistas eram, um farmacêutico, Jorge Henri que Klier, de pouco instalado na cidade e um lente de inglês do Ginásio Estadual, o professor José Stott. O músico amador era Olegario Ribeiro, gerente da Companhia Lindgerwood. Os primeiros dispensavam credencial, porque já se haviam revelado nos saraus do ano anterior, tocando a quatro mãos, no piano de cauda do "Clube Campineirô", a profonia do "Salvador Rosa".

- Mas, e Olegario Ribeiro?

Este, informava Castro Mendes fora músico da antiga orquestra da sociedade Carlos Gomes" que, em 1880 e nos anos seguintes, realizava prodígios no velho salão do "Clube Semanal", sob a direção de um mestre provecto que era o dr. Schmidt alemão exímio violinista a quem Santana Gomes que era o regente, entregava habitualmente a batuta. A contribuição de Olegario Ribeiro foi das mais preciosas:aquele homem de feitio tão modesto, assíduo às reuniões, sempre pronto a fazer o que lhe fosse pedido, na hora de aparecer

A MUDANÇA DE COELHO NETO PARA CAMPINAS E AS SUAS REALIZAÇÕES CULTURAIS.

(cont.)

- fls. 12 -

e de "figurar" esqueirava-se e procurava a ultima fila. Mas os proprios musicos é que iam buscá-lo. Encarregou-se ele de "cavar as partes" dos originais, suprir a falta de alguns instrumentos e dar apoio, em certos trechos, a outros, não indicados na composição. Passou a reger a orquestra, e, dentro em pouco se revezava com Santana Gomes nesses trabalhos, colocados no mesmo plano.

A casa Livro Azul andava por aqueles meses em constante borborinho: eram as "moças da Judeia" que se encontravam, trocavam lingua sobre seus dialogos e exaltavam a beleza dos periodos que deveriam declamar. Para as partes principais escolheu Neto maças "de fala" - e, foi achá-las na familia do Barão Geraldo de Rezende e na familia do antigo consul português comendador José Pereira de Andrade. A um Andrade, Tônico, era o socio de uma casa de loterias, e que apparecera, casualmente num ensaio, declarou Neto que tinha um papel que lhe estava reservado. O "ator", que era magro e esquivo, empalideceu ao aviso: - Eu? Dispense-me de um fracasso. Eu nunca me apresentei num palco teatral...

... - Pois vai apresentar-se. O sr. será o meio "Rapsodo"...

... - O seu...? - Rapsolo, disse Neto. E verá que o seu fisico vai bem com o papel" Coelho Neto já engendrara o acrescimo de um prologo, pondo em cena um rapsolo grego do periodo da decadencia, descrente dos deuses do Olimpo e

A MUDANÇA DE COELHO NETO PARA CAMPINAS E AS SUAS REALIZAÇÕES
CULTURAIS

(cont.)

- fls. 13 -

esperançado que, na miseria dos ultimos dias chegasse a conhecer o Anunciado, o Messias, "que faz ressurgir a esperança e nos promete a paz..."

Vozes femininas, e de bons quilates, havia na terra, em profusão; mas não havia coros masculinos. E era necessario um coro masculino, de pastores de cabras, os emeritas, adoradores da lua. Ora na regencia dos coros estava um antigo conspicuo educador e musico alemão, que foi dos socios fundadores do "Centro de Ciencias, Letras e Artes", o sr. Tedoro Yahn e este resolveu a dificuldade confiando as partes do coral mistico a duas admiraveis e antigas sociedades alemãs de Campinas, a "Concordia" e a "Pesangverein Eintracht". Com elas organizou Teodoro Yahn um coro maciço de 24 vozes, abalisados "meistersingers" que liam musica à primeira vista, como quem lê jornal, Coelho Neto exultava a cada descoberta dessas.

- "Vocês não calculam ainda do que é capaz a gente desta terra. Aqui temos de tudo - maestros, cantores, pintores, decoradores. Do bom e do melhor.

Continuavam os ensaios e o autor a produzir, a desdobrar partes, a alterar dialogos, a substituir artistas. Havia, no meio de tudo isso, cenas engraçadas. No 2º quadro, da "Visitação, as donzelas de Judá deveriam travar dialogos com Isabel, antes da chegada da Maria e uma delas deveria dizer: - "Se não achardes o que dizer da tarde, pois

A MUDANÇA DE COELHO NETO PARA CAMPINAS E AS SUAS REALIZAÇÕES
CULTURAIS

(cont.)

- fls. 14 -

que a própria brisa vos serve de desculpas". Mas a pronuncia da moça era defeituosa, como a da gente de Bragança, Itú e Tietê, em que os rr são mesclados de ll, letras liquidas, na sais, salivosas: "acsharldes, tarlde, desculpa". Neto não he sitou - substitui essa fala pela de uma outra, em que havia apenas vozes sibilantes - e tudo se corrigiu.

Depois das cenas faladas, dos ensaios de coros e do preparo da indumentaria com figurinos traçados do Rio pelos irmãos Bernardelli (Rodolfo e Henrique) e Aurelio de Figueiredo e realizados em Campinas sob os olhos de artista re finado que era Alfredo Norfini e quando já estava deliberado que as representações fossem realizadas no Teatro São Carlos, surgiu novo problema: a iluminação do velho Teatro como, aliás, a da cidade, era a gaz, e muitas cenas pediam efeitos de luz que só a eletricidade propriçiaria. Mas do problema incumbiu-se logo e o resolveu um irmão de Castro Mendes, o "Ferraz do Livro Azul". João B. de Castro Ferraz que, como todos os homens da familia, tinha engenho, habilidade manual e talento inventivo. Ferraz improvisou uma instalação nos fundos do teatro, com motor a carvão e uma complicada trama de fios, bobinas, condensadores. Para maior garantia do exito pediu-se a ida a Campinas de um moço irlandês, chegado de pouco dos Estados Unidos, com um curso teorico e pratico de eletricidade - e esse moço foi para lá, fez o que se lhe pedia na instalação e estendeu, con-

A MUDANÇA DE COELHO NETO PARA CAMPINAS E AS SUAS REALIZAÇÕES
CULTURAIS

(cont.)

- fls. 15 -

comitadamente, com a rede elétrica uma rede de excelente amizades que iria mais tarde, consolidar durante os anos em que residiu na cidade - era o sr. Alberto J. Byington. A ele estava fadada a futura instalação da iluminação elétrica da cidade e a de bondes, pela empresa que organizou com capitais americanos, mais tarde desdobrados em organizações britânicas e canadenses tudo isso foi consequência mediata e distante da iluminação do São Carlos nas representações da Pastoral.

Em dezembro o Clube Livro Azul já havia vendido aos seus sócios todas as localidades do teatro, e, para as primeiras representações, em número de três, teve que recusar pedidos de localidade a muitas famílias desta Capital e do interior. A notícia daquele êxito retumbante ecoara até o Rio e Coelho Neto teve que recusar convites para transportar sua "companhia" para algumas representações na Capital Federal.

Na véspera do Natal realizou-se o primeiro espetáculo. Teatro apinhado em que, no próprio "galinheiro" se acotovelaram senhoritas e cavalheiros que não haviam podido colocar-se em postos mais graduados.

Alberto Nepomuceno viera do Rio para assistir à "première". Assistiu aos ensaios de orquestra e ao câoro: não escondeu seu espanto e não poupou elogios aos regentes que tanto haviam feito e tão fielmente interpretado sua música e a dos outros compositores. Destacou, especialmente, Olegário Ribeiro, pelo esforço estafante a que se consagrara e do qual saía a música com efeitos tão belos e inesperados. A Teodoro Yahn e aos

A MUDANÇA DE COELHO NETO PARA CAMPINAS E AS SUAS REALIZAÇÕES
CULTURAIS

(cont.)

- fls. 16 -

seus cantores estendeu, igualementes, palavras de caloroso elogio. De Sant'Ana Gomes não precisava falar, porque era seu igual, seu confrade, com antigas relações, fortalecidas através da admiração que consagrava a Carlos Gomes.

Nepomuceno pretendia assistir ao espetáculo de uma frisa. Mas, antes do prelude, quando a assistencia aguardava num silencio cheio de respeito e emoção os primeiros compassos, e quando Sant'Ana Gomes se acomodava com sua viola, na orquestra, misturado com os musicos profissionais e amadores, viu-se Olegario Ribeiro, erguer-se e fazer um aceno respeitoso ao mestre cearense, indicando-lhes a estante da regencia. O teatro em péso, explodiu em aplausos cadentes - e Nepomuceno, com sua formosa cabeça, barbas pretas e bem cuidadas e a cabelereira revolta, assumiu a regencia - e atacou os primeiros compassos.

A musica do 1º ato era de Henrique Osvaldo; a do 2º de Francisco Braga; a do 3º de Nepomuceno. Nesta, como prelude, traçou ele uma pagina de inspiração mistica, com "obbligato" de viola, para que Sant'Ana Gomes a executasse. E foi um silencio religioso, que o teatro viu a cabeça branca do irmão de Carlos Gomes, recostada sobre as cordas da sua viola, e iluminada, como nessas gravuras de santos, por um resplendor que se irradiava da lampada electrica, instalada na estante. Ao final, palmas e aplausos, ao violinista e ao maestro, numa salva estrondosa.

Os solos da musica dos tres atos foram excelentemente cantados: o do 1º por d. Ida Stott, filha do professor José Stott, meu velho, inesquecivel mestre da cadeira de inglês; no

A MUDANÇA DE COELHO NETO PARA CAMPINAS E AS SUAS REALIZAÇÕES
CULTURAIS

(cont.)-

- fls. 17 -

2º por Zurica Teles, hoje senhora Fernão Pompeo de Camargo, possuidora de uma voz de grande extensão e brilho, genero "soprano spiantato", voz feita para grandes ambitos teatrais; no 3º o canto, voz de acalanto materno para embalar o menino Jesus foi entregue à filha mais velha de Olegario Ribeiro, d. Wanda, hoje senhora Valdemar Ferreira, voz de uma frescura juvenil que se casava esplendidamente com a musica de Nepomuceno e com a cena de tanta doçura e castidade de que ela procurava evocar nos versos de Coelho Neto.

Ao fim - novos aplausos, as chamadas à cena do maestro, dos ensaiadores, do Coelho Neto, das cantoras, das maçãs de Judá, dos pastores - e foi um novo borborinho em que Neto parecia tomado de uma nova chama, com os olhos a faiscarem através de muitas lagrimas e d. Gaby, em cena, a beijar aquele marido de que ela tanto se ufanava, ante uma assistencia que, de pé, os aclamava pelos nomes, num ruido de gloria.

Ha ainda alguma coisa a dizer sobre essas realizações, especialmente sobre a ultima, de janeiro de 1904, espetaculo de gala em beneficio de Coelho Neto, o autor daquelas maravilhas: o que se apurara, em dinheiro, tivera o destino de acudir as despesas dos cenarios e outras, muito embora os "artistas" custeassem de seus bolsos, as despesas do vestuario e a empresa do Teatro, assim como a da Cia. de Gás, tivessem concedido gratuitamente seus serviços. Mas

A MUDANÇA DE COELHO NETO PARA CAMPINAS E AS SUAS REALIZAÇÕES
CULTURAIS

(cont.)

- fls. 18 -

Neto, que ainda carregava grandes encargos da sua mudança e das complicações da sua vida, nada recebera, ele fora o grande realizador de tudo aquilo. Reservou-se-lhe, por isso, parte - não tudo - da renda do espetáculo de benefício...

Falarei depois de outras figuras salientes da representação no outro rodapé.

Os resultados pecuniários das representações da "Pastoral" foram insignificantes, e apenas bastaram para cobrir as despesas, que tinham que ser elevadas. O que mais rendeu nas duas primeiras representações foi a venda, feita por uma comissão de senhoritas, do programa impresso, com os nomes dos personagens e indicações dos quadros e ligeiros resumos - tudo escrito pelo autor daquele Misterio do Natal. A renda desses programas, alguns dos quais adquiridos por Cr\$100,00, foi entregue ao padre Ribas d'Avila, vigário de Santa Cruz que se incumbiu de distribuí-la entre os pobres da sua paróquia e algumas instituições de assistência. A inspiração da caridade presidia, assim, desde o início, aquelas realizações artísticas de tanta finura e tanta delicadeza. As próprias famílias dos amadores improvisados figuravam entre os que pagavam mais alto preço por aquelas recordações.

Falemos, entretanto, das estréias em palco aberto, por alguns dos principais figurantes. Foi a turma masculina que carregou as partes mais difíceis.

Antonio Andrade, que fizera o Rapsolo, recitando os cinquenta formosos alexandrinos escritos por Coelho Neto aos

A MUDANÇA DE COELHO NETO PARA CAMPINAS E AS SUAS REALIZAÇÕES
CULTURAIS

(cont.)-

- fls. 19 -

pedaços nos intervalos daquela organização em barafunda, impôs-se como "diseur" de excelente linhagem: a fala docemente lisboeta, mas já temperada pela fala brasileira; o tom de voz desconsolado, de um misero rapsolo que perambulava por caminhos aridos à procura do pão, voz que se animava ao fazer-se eco das profecias rissonhas do Nazareno, tudo isso se combinava na figura de Tônico Andrade para pô-lo no plano dos primeiros "artistas" do elenco. O homem era magra, e o corpo enxuto de carnes dava bem a impressão física do aêdo ambulante de canela fina, voz cançada, ar desalentado e voz de lamento:

"Canto - e, não raro, o choro alia-se
ao meu canto:
Cada estrofe, remata-a uma gota de
pranto.
Durmo onde paro, à noite, e o cansaço
me atira,
Tendo por travesseiro a minha própria
lira.
Se acho versas no chão, sobre as versas
me deito,
Se não... faço d'areia ou das pedras
meu leite.....
.....
E ao romper da manhã, na nevoaça que
rola,
Saio a cantar - e o canto é que me atrai
a esmola.

A esse Andrade foi ainda confiado um outro papel, o de Eleazar, o velho cego que recupera a vista por mi-

A MUDANÇA DE COELHO NETO PARA CAMPINAS E AS SUAS REALIZAÇÕES
CULTURAIS

(cont.)

- fls. 2o -

lagre, ao entrar na caverna onde Maria acalentava, num berço improvisado, o corpo do Menino: a cena era dramática e o personagem enfrentava tropeços grandes, para passar do acabrunhamento ao êxtase e deste à exaltação, quando recuperava a vista e contemplava a filha, já moça, que o acompanhava e lhe servia de arrimo.

No 2º ato, entretanto, já um outro "ator" se havia imposto à surpresa da platéia pelos seus dotes: era Arturzinho Rocha Brito, moço do comércio de açúcar, empregado na refinação de propriedade de seu pai. Seria hoje qualificado, vagamente, um "comerciarior". Não se sabia que pudesse ser ator, e vestir um papel com fecho dramático, o do surdo-mudo Simeão que, já velho e andrajoso, sentado ao pé de um cedro, é tomado de súbitos estremecimentos e põe-se a falar, a clamar, anunciando a chegada do Enviado, do filho de Deus. O trabalho, nos primeiros e esforçados dez minutos, é trabalho de mimica, a denotar uma angústia crescente como se a voz, sepultada durante toda uma vida na garganta, forçasse aquela represa e irrompesse, violenta, aos arrancos, como uma corrente d'água que força e esbarronda um açude.

S. José vestido por Euclides de Andrade, hoje jornalista veterano, que compôs a figura do patriarca com a doçura e a suavidade, de voz, de gestos e de passos, inspirada pelo papel. Não teve rasgos dramáticos que ali não cabiam, mas fez a parte com a autoridade resignada que Coelho Neto su

A MUDANÇA DE COELHO NETO PARA CAMPINAS E AS SUAS REALIZAÇÕES
CULTURAIS

(cont.)

- fls. 21 -

gerira nas folhas escritas nos ensaios, estes assessorados, e em parte corrigidos, pelos conselhos do ponto- ensaiador, que era o poeta Benedito Otavio.

Quem, anos depois, lesse as crônicas brejeiras, algumas delas aciduladas, ou inspiradas em cenas caboclas e episódios de rua do Epandro, do "Diário Popular" poria em dúvida que o seu autor pudesse, algum dia, encarnar papéis de uma personagem santificante, de voz sobria, com expansões tão castas, moduladas na doçura e no enlevo dos iluminados...

oooooooooooooooooooo

Das músicas, da do 2º ato, escrita por Francisco Braga, foi a que mais doce sensação deixou nos ouvintes, desde o início, quando do fundo da cena, rompia uma voz de estirpe, verdadeiramente voz de palco lírico, não de donzela das montanhas de Judá, na qual falavam os versos:

Não te exponhas, disse a velha,
A luz fria do luar;
Deixa que se perca a ovelha,
Gado não te há de faltar.
E o lobo e não a farauta
Que te atrai ao seu algar:
Não saías donzela incauta,
Ao luar...

Lembro-se que, nos ensaios, quando o côro feminino repetia os quatro últimos versos, as cantoras acentuavam uma

A MUDANÇA DE COELHO NETO PARA CAMPINAS E AS SUAS REALIZAÇÕES
CULTURAIS

(cont.)

- fls. 22 -

silaba para não alterarem a tonica da musica: "Não sáias, donzela incauta..." O ensaiador, Olegário Ribeiro, batuta em punho, nervoso, insistia: "Não é "sáias", é "sáias" - e cantarolava: "não sáias, donzela incauta..." Como esses, varios outros trechos teve aquele incançavel ensaiador de alterar, ajustar, acentaar.

O côro masculino dos emoritas foi o que menos trabalho deu aos regentes: vinham estes organizados pelo professor Teodoro Yahn e traziam, no grupo da "Eintracht" os mestres-cantores que eram Carlos Zink, Edmundo Wagner Henrique Bahde e os cantores do Concordia, do "grupo sexta-feira", capitaneados por Henrique Husemann, Jorge Hennings, Jacob Forster e outros tantos. Naquele grupo misto de 24 vozes viam-se professores, relojoeiros, chapeleiros, comerciantes, 1 dentista, mecanicos etc. Era, verdadeiramente, uma familia de canttores que se reunia em torno da figura veneranda e culta de Teodoro Yahn, o moderno Hans Aschs que presidia, estimulava e trabalhava, de igual para igual, com os seus mestres cantores".

X X X

A 3 de janeiro de 1904 realizou-se o espetáculo de beneficio e especial homenagem a Coelho Neto. Sarau de gala: flores no Teatro São Carlos, decotes das damas, casacas dos cavalheiros.

O que teria ficado a Coelho Neto seria pouco, mas era uma verba que o aliviava de aperturas maiores. Em cena

A MUDANÇA DE COELHO NETO PARA CAMPINAS E AS SUAS REALIZAÇÕES CULTURAIS.

(cont.)

- fls. 23 -

aberta, após o primeiro ato, falou ele, numa oração de agradecimentos, ao muito que pela sua Pastoral havia sido feito.

No final do segundo ato foram os artistas e comparsas beduinos, pastores e patriarcas que se moveram para homenagear Benedito Otavio e Olegario Ribeiro.

Benedito, que era o ponto, e fôra o indefesso ensaiador daquela organização poupando a Coelho Neto o que este, pessoalmente, não poderia fazer, recebeu estrondosa manifestação: as moças e meninas foram à concha do ponto e de lá o guindaram, a muque, como estavam como andava sempre metido num casaco de gola de veludo (e eram dias de verão...), que ora lhe servia de capa de chuva, ora de alcochoado na cadeira do ponto. Veio ele arrastado à ribalta, para receber os abraços de Neto, um discurso proferido pela "menina" Marina Maia e um relógio suíço, com corrente de ouro, objeto precioso que só mesmo por presente, poderia adquirir. Foram depois as coristas e cantoras fingar Olegario Ribeiro por detrás de um cenário e trouxeram o ensaiador aos trancos, num alarido para lhe oferecer uma pequena lembrança, um alfinete de gravata com pedra rutilante.

Aos demais colaboradores, Alfredo Norfini, Santana Gomes e Teodoro Yahn outras lembranças, foram entregues em palco aberto, num barbarinho de gritos e aplausos.

E com essa festa encerrou-se a série de representações da pastoral".

Um ano mais residiu Coelho Neto em Campinas, com a família. Ali lhe nasceu o filho Mano, cuja morte vinte anos mais tarde, o deixaria atordoado, impelindo aquele pai tão amoroso para a senda espírita, num esforço obstinado de chamar para junto de si, da sua mesa, do seu gabinete, no seu convívio, aquele galhardo rapagão, de corpo herculeo, vencedor de

A MUDANÇA DE COELHO NETO PARA CAMPINAS E AS SUAS REALIZAÇÕES
CULTURAIS

(cont.)

- fls. 24 -

campeonatos nos estantes cariocas, e procurando por um aviso espiritual consolar-se daquela irremediável separação.

Sua residência em Campinas, durante tres anos ininterruptos foi um estímulo para outras realizações artísticas. Muito mais teria produzido se ali continuasse nos anos seguintes. Mas os interesses maiores, o ambiente maior do Rio, com seus jornais, seus amigos, os antigos camaradas das rodas boemias, para lá o atraíram.

Deixou, porém, o exemplo do que vale a inspiração artística do homem, como irradiação de cultura social. Com d. Gabj, Coelho Neto dominou o cenário campineiro e se fez sempre de atração e de reuniões de que todos saiam satisfeitos e enlevados.

A realização feita no Natal de 1903 e nos primeiros dias de janeiro de 1904, deixou lembranças inapagáveis, não apenas pelo seu exito como, principalmente, pela delicadeza, pela candura daqueles espetáculos, em que todo o material - versos, dialogos, músicas, cenários - era de produção nacional.

Porque não se tentar em São Paulo, nas vespersas do Natal deste 1950, que é Ano Santo, numa série de festivais com esse Mistério de tão encantadora simplicidade? São Paulo possui elementos pessoais e materiais muito maiores do que os que Coelho Neto conseguiu congregiar há 47 anos, no "Clube Livro Azul" de Campinas. Temos teatros maiores, salas amplas, musicos e ensaiadores de conceito e massas corais que, em pouco tempo, estariam aptas para desempenhar as partes escritas por Nepomuceno, Braga, H. Oswald e Santana Gomes. Basta que o grupo de homens e senhoras de boa vontade convoque essas aptidões artísticas, muitas delas já conhecidas, outras à espera de um ensejo para que todas se apresentem e se revelem. E, com os figurantes de palco, que já os temos de boa

A MUDANÇA DE COELHO NETO PARA CAMPINAS E AS SUAS REALIZAÇÕES CULTURAIS.

(cont.)

- fls. 25 -

qualidade, seria a realização das mais belas e, provavelmente, das mais frutuosas em renda. O que se apurasse iria reforçar as caixas fracas de varias de nossas instituições de assistência, tão merecedoras desse amparo.

Com esse empreendimento, hoje fácil, São Paulo realizaria uma festa de benemérita inspiração e lembraria o nome de Coelho Neto, agora tão esquecido apesar da bagagem literária que nos legou, de uma centena de obras, - romances, novelas, comédias, crônicas, fantasias, em prosa e verso - atestadoras de uma atividade que causa assombro, porque nela mal se adivinha que quase tudo quanto escreveu e produziu se destinava ao ganha-pão diário, estafante e, muitas vezes, acabrunhador.

*Contos Populares 2, 4, 10, 11, 22, 23 / III /
1950*